

Podemos, Venezuela e a esquerda como problema*

Tomás Straka

JULHO DE 2016

- O Podemos e o chavismo têm vinculações ideológicas evidentes. Pensar nessa relação permite refletir sobre o sentido da esquerda.

As últimas eleições espanholas acabaram sendo um fiasco para a coalizão da Esquerda Unida e do Podemos, já que as expectativas que eles mesmos alimentavam eram de deixar para trás o Partido Socialista, que terminou como principal força política da esquerda. O resultado pegou a todos de surpresa e, para a liderança da aliança, foi um verdadeiro balde de água fria, registrado para a história no desânimo dos rostos que vimos pela televisão. Como foi que as pesquisas puderam se enganar tanto? Por que o eleitorado retirou o apoio a Pablo Iglesias e seu grupo? – perguntavam-se e ainda hoje se perguntam os analistas políticos. Não arriscaremos aqui uma resposta, mas indagaremos sobre o problema de fundo que, a nosso entender, teve um papel funda-

mental no resultado: o componente identitário. O que significa declarar-se de esquerda nos dias de hoje?

Se, em meio a nossos múltiplos problemas, nós, venezuelanos, encontramos tempo para acompanhar as vicissitudes das eleições espanholas, foi em boa medida porque medimos o impacto delas em nossas próprias vidas. A Venezuela é, atualmente, o quarto país do mundo com mais espanhóis (cerca de duzentos mil, mas calcula-se em três milhões o total de venezuelanos que puderam obter a nacionalidade espanhola), enquanto a Espanha também é um dos lugares prediletos da nossa emigração (estima-se, igualmente, uma cifra de duzentos mil). Mas, sem sombra de dúvida, o interesse foi além da questão mi-



gratória. A política venezuelana tem estado presente no debate mundial e, naturalmente, no debate político espanhol, há tempos. Albert Rivera, o líder do movimento Ciudadanos, apoiou abertamente um referendun para destituir Nicolás Maduro; José Luis Rodríguez Zapatero – considerado um simpatizante do chavismo – desempenhou um papel de mediador na situação venezuelana; Mariano Rajoy criticou duramente o governo venezuelano; e Felipe González assumiu como própria a defesa dos presos políticos. Essa presença da temática venezuelana em território espanhol mostra até que ponto ambos os países se encontram ligados e expressa claramente que cada setor da política da Venezuela tem um defensor ou um crítico do outro lado do Atlântico.

No entanto, nada parece estar mais vinculado à Venezuela do que o Podemos. O nome do partido é, curiosamente, o mesmo de um dos que formam a aliança governamental chavista. Juan Carlos Monedero, ex-dirigente do Podemos foi assessor e ideólogo do chavismo; o Podemos foi sindicado como um partido que recebe financiamento da Venezuela; seus parlamentares defenderam o governo de Maduro na Eurocâmara e alguns, inclusive, sabotaram as manifestações da oposição venezuelana na península. A identificação resulta evidente. O Podemos, assim como o chavismo, pretende constituir-se como síntese dos diversos problemas de identidade que acoçam a esquerda no atual contexto. Dessa forma, abrange desde a socialdemocracia – que perde contornos desde a década de noventa, quando terminou se tornando quase indistinguível dos partidos de centro-direita –, passando pelos herdeiros do comunismo, incapazes de se reinventarem após o fracasso dos chamados socialis-

mos reais. Das quase quatrocentas propostas do programa do Podemos, muito poucas denotam um especial radicalismo e, ao serem distribuídas nas bancas em catálogos como os de uma loja de móveis para o lar, parecem ainda mais moderados. Os espanhóis, porém, não acreditaram nelas. Talvez por terem sentido uma ambiguidade deliberada (fala-se de coisas concretas: sanear um rio, construir uma estrada de ferro, dar microcréditos, e não de grandes princípios; foi um caminho que o chavismo também seguiu no início), ou talvez porque entre os inflamados discursos dos líderes e a assepsia glacé do catálogo há uma distância tão grande que resulta quase intransponível.

Vender o anticapitalismo com as técnicas de mercado da Sears ou da Ikea pode ser outra estratégia *cool* do movimento, mas causaria, irremediavelmente, uma precaução geral. Não há contradição entre ser de esquerda e compartilhar os valores estéticos da Ikea (afinal de contas é marca de um país que, como a Suécia, possui um dos melhores sistemas de bem-estar do mundo). Mas quando se faz isso segurando na outra mão o Livro Vermelho do Partido Socialista Unido da Venezuela, que se parece mais em seu design ao de Mao Tsé-Tung, as coisas mudam. Chávez se erigiu em 1999 como a ressurreição daquilo que parecia ter morrido em Berlim dez anos atrás. Os comunistas que andavam procurando de onde se segurar encontraram nele uma esperança e uma oportunidade; mas apenas para terem agora, depois de três lustros, que somar ao desastre da URSS e seus satélites, mais um: o venezuelano. A nova esquerda teve casos de sucesso, como os de Lula da Silva e Rafael Correa, mas a dimensão do colapso venezuelano e sua vinculação com alguns líderes do Podemos conseguiram ofuscá-los.



Construir uma proposta democrática, inclusiva, respeitosa das liberdades e do empreendimento, mas comprometida com o social, acaba sendo extremamente difícil quando a Revolução Bolivariana se encontra em seu ponto mais baixo de impopularidade e a tentação de ir para o outro extremo é grande. Em especial para quatro de seus principais partidos, que são integrantes da Internacional Socialista. Não é fácil ser socialista depois da cruz colocada pelo chavismo sobre o termo. Constituir uma alternativa tão progressista e com o frescor dos catálogos do Podemos, mas capaz de produzir nos eleitores confiança e não o temor de que seja mais uma fraude é um desafio colossal, tanto deste lado do Atlântico quanto do outro. Não se deveria, de modo algum, renunciar a ele. Afinal, é o único que pode responder à pergunta sobre o que significa ser de esquerda nos dias de hoje.

*Trata-se de uma tradução do artigo original em espanhol publicado em nuso.org em julho de 2016.

**Autor**

Tomás Straka integra o Instituto de Investigações Históricas da Universidade Católica Andrés Bello e dirige o mestrado em História.

Responsável

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil
www.fes.org.br

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. Realiza atividades na Alemanha e no exterior, através de programas de formação política e de cooperação internacional. A FES conta com 18 escritórios na América Latina e organiza atividades em Cuba, Haiti e Paraguai, implementadas pelos escritórios dos países vizinhos.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-99138-85-4



9 788599 138854